



A cota do sexo público ou leis chupadoras de um gozo impossível

Alejandro Modarelli¹

RESUMO: Este texto é uma tradução da crônica *El cupo del sexo callero o leyes chuponas para un goce imposible*, publicado inicialmente no suplemento Soy, do jornal argentino Página 12, em 9 de abril de 2010, e depois modificado e publicado no livro do escritor e jornalista argentino Alejandro Modarelli, *La noche del mundo: brumario de maricas* (2016). O texto aborda o sexo em público em Buenos Aires e Amsterdã e, nesse sentido, reflete sobre como parte do gozo dessas práticas sexuais está relacionada à transgressão à lei.

PALAVRAS-CHAVE: sexo em público, política, bichas loucas

Abstract: This text is a translation of the chronicle *El cupo del sexo callero o leyes chuponas para un goce imposible* originally published in the supplement Soy, of the Argentine newspaper Página 12, in April 9th, 2010, and later modified and published in the book of the writer and Argentine journalist Alejandro Modarelli, *La noche del mundo: Brumario de maricas* (2016). The text addresses public sex and in this sense reflects on the way in which part of the enjoyment of these sexual practices is related to the transgression of the law.

Keywords: sex in public, politics, crazy queer

Resumén: Este texto es una traducción de la crónica *El cupo del sexo callejero o leyes chuponas para un goce imposible* publicado originalmente en el suplemento Soy, del periódico argentino Página 12, del 9 de abril de 2010, y después modificado y publicado en el libro del escritor y periodista argentino Alejandro Modarelli, *La noche del mundo: Brumario de maricas* (2016). El texto aborda el sexo en público y en este sentido reflexiona sobre la manera en que parte del goce de estas practicas sexuales esta relacionado a la transgresión de la ley.

Palabras clave: sexo en público, política, maricas locas

¹Escritor e jornalista argentino, co-autor do livro *Fiestas, baños y exilios: los gays porteños en la última dictadura* (2001), autor dos livros *Rosa prepúcio: crónica de sodomía, amor y bigudí* (2012) e *La noche del mundo: brumario de maricas* (2016). Atualmente, é também colunista do suplemento SOY, do jornal argentino Página 12. Traduzido por Helder Thiago Maia, doutorando em literatura comparada, tradutor e autor do livro *O devir darkroom e a literatura hispano-americana* (2014). Email: helderthiagomaia@gmail.com

Mínima aventura. Quem sai na noite para a caça erótica, solitário, cria na rua uma ilha própria, vital e efêmera, fora do tempo computável e do sedentarismo que impõem os circuitos estabelecidos. Nesse estado de exceção, o aventureiro, para intensificar o gozo compartilhado com o estranho, pedirá talvez um espaço que esteja vedado pela lei pública. Que outros momentos guardará na memória se não esses em que crê ter burlado a função da lei? Por trás do breve desenfreio sexual ninguém esquece, entretanto, a esse Amo cuja ausência nos acompanha, onipresente, e nos indica o belo rumo do proibido. Que nos recorda que o olho de Deus, ainda que não nos olhe, sempre nos vê. Bendito seja esse olho: na tensão do jogo fabuloso, clandestino e angustiado a que nos obriga, reside a verdadeira permissão para gozar – como bichas loucas – sob a ponte, atrás da árvore da praça, no último vagão do trem e até nas escadarias da Torre dos Ingleses. Glorias ejaculatórias que formarão depois parte da conversa de amigos, como ocorre quando de volta da escalada de uma montanha, o alpinista mostra a dimensão heróica dos seus calos.

Na década de noventa, e quando o sexo homo nos espaços públicos se converteu em um dos temas preferidos dos ideólogos neoconservadores e, entre eles, de alguns grupos gays, primeiro nos Estados Unidos e depois por todas as partes, a política urbana colocou luvas para limpar as cidades do esperma indomável. A profilaxia institucional consistiu em dissolver essas regiões onde margeavam os vagabundos sexuais, levantando aqui e acolá barreiras policiais, exércitos de grades e câmeras fofoqueiras. Uma sociedade de enclausuramento que, escrevendo seu presente com a letra do pânico, privatizou e militarizou bairros, enquanto confinava a desordenada orgia-bicha portas a dentro das saunas, cinemas pornô e boates, ou empurrava o universo da prostituição até a fronteira do invisível.

Por suposto, surgiu a resistência. A rua tinha que voltar a ferver. As primeiras respostas ativistas se originaram nos Estados Unidos e no Canadá. À campanha republicana que propunha uma Manhattan reluzente e rentável, os universitários queer do SEX PANIC! propunham re-esquentar as zonas das docas do porto, onde pululavam os empreendimentos imobiliários, ao estilo de Porto Madero ou se supõem que brevemente também a Costanera Sur, onde os caminhoneiros e as bichas loucas audazes fazem hoje, ainda, refulgir um Eros nos seus interstícios. No Canadá, o *Pink Triangle Press* convocava, através de uma página de internet, ao sexo em público, a prática do *squirt*, estipulando ordenadamente os lugares da confusão. Enquanto que para SEX PANIC! pôr o corpo desejante no espaço público levava a marca do dever político, para os fãs do *squirting* era um brincadeira de papéis marcados com algumas regras pactuadas de antemão. As duas opções, a universitária e a erótica, recordam em algo o gesto de Diógenes, o Cínico, quando se masturbava na



praça diante da vista escandalizada dos atenienses, uma provocação dirigida contra os sábios que consideravam o sexo como uma necessidade da natureza, cujo exercício honrava ao cidadão, sempre que fosse prudente e não vergonhoso: “Se não é ruim comer, também não é ruim comer em público”, dizia Diógenes para mostrar a inconsistência daquele código sobre o bom uso dos prazeres.

Faz alguns meses a prefeitura de Amsterdã votou a favor de permitir o sexo noturno ao ar livre em um dos principais pontos de encontro da comunidade gay holandesa, o imenso e popular Parque Vondel, onde de dia se cruzam a vida cultural do museu de Van Gogh com os jogos infantis, as bicicletas e os animais de estimação.

Se não fosse porque junto com a permissão da prefeitura sobrevivessem certas proibições, tais como não fuder nem de forma ruidosa altas horas da noite e nem no jardim de rosas, ou dentro das áreas usadas pelas crianças (e sem falar de deixar rastros de preservativos como provas orgulhosas do prazer consumado), a autorização dos funcionários holandeses se aproximaria demasiadamente a tomar de assalto e a jogar luz na cara clandestina da lei pública, que sempre incita, entre linhas, a cometer aquilo que proíbe. Essa abertura desmensurada do campo do livre arbítrio, deixa então o aventureiro do sexo público sem liberdade de eleição. Se Deus não existe, nada está permitido, para quê caminhar na contramão. E a quem não lhe havia ocorrido, antes da permissão, violar as regras da urbanidade com trepadas públicas, a autorização talvez se converta em uma voz mais imperativa ainda que a da proibição, um chamado a não ficar fora do gozo coletivo: “Ainda que você não goste, se mexa, para isso gastamos nosso tempo na sessão legislativa”. Por excesso de permissão, o Amo que se declara independente nos dominará por completo. Por sorte a Prefeitura de Amsterdã deixou um espaço para a transgressão, com o qual aqueles que trepam apesar dos guardas do parque podem fazer retumbar os gemidos para fuder aos amantes silenciosos, regar de camisinhas os jardins de rosa e fazer os balanços das crianças uma tábua de roçadas sujas. A ameaça da multa os estimulará.

Digam se o paraíso sexual holandês – sendo completo – não conseguirá, de um modo muito mais eficaz, aquilo que os neoconservadores norte-americanos perseguem desde os anos noventa sem tanta sorte. Contra o parque Vondel me dá vontade de gritar: Viva a Praça Paquistán de Buenos Aires!, que aí sim as bichas seguem correndo atrás de um gostoso bofê por caçar ou diante dos que nos querem deixar desplumadas. Aí, justamente na praça onde um policial segue sendo um inimigo e nenhuma lei nos obriga a gozar.

